

Uma carta, uma quadra e duas dedicatórias inéditas de Carlos Drummond de Andrade a Armindo Rodrigues

Arnaldo Saraiva

Já por mais de uma vez falei na fortuna de Drummond em Portugal, nomeadamente na introdução da antologia *60 Anos de Poesia* (Lisboa, 1985), que em segunda edição (1989) passou a intitular-se *65 Anos de Poesia*. Seria oportuno neste ano em que celebramos o centenário do nascimento do Poeta aprofundar esse estudo, assim como o da relação de Drummond com Portugal, e não só de Portugal com Drummond. Mais dia menos dia teremos de inventariar as colaborações do Poeta em revistas portuguesas (*Atlântico*, *Mundo Literário*, *A Serpente*, *Rumo*, *Colóquio*, entre outras), as críticas, as citações, as imitações, as glosas e as edições portuguesas da obra do itabirano - por sinal desde menino bom leitor de autores de Portugal, que em tempos modernistas disse (ironicamente, é claro) ser um país que gerara *Os Lusíadas*, e morrerá.

Convirá no entanto não esquecer a convivência de Drummond com portugueses, - por exemplo, com António Botto, a quem dedicou uma preciosa crónica -, e a sua troca de livros e de correspondência com portugueses. Pouco sabemos ainda desta correspondência; mas sabemos que, não sendo um epistológrafo tão infatigável como o seu amigo - e correspondente - Mário de Andrade, Drummond era escrupuloso a responder a quem lhe escrevia, e a agradecer os livros e as críticas que lhe mandavam. E se ele praticava a "corres-

pondência elegante", elogiando até o que, em princípio, suportamos que ele detestaria, valendo-se de formalidades que não esperaríamos da sua fortíssima personalidade, o certo é que raras vezes e só a raros destinatários ele escrevia cartas longas, como as que recebia regularmente a sua filha Julieta, e, uma vez ou outra, o seu genro Manuel Graña Etcheverry. Formais ou não, algumas cartas ele enviou para Portugal - que mais não fosse para alguém das revistas em que colaborou, para os seus editores (Portugália, O Jornal, Europa-América), e para escritores ou críticos. Sei por exemplo de cartas que escreveu a Alberto de Serpa, a Casais Monteiro, a Jorge de Sena, a Luiz Francisco Rebello, a Egito Gonçalves, a Albano Martins; e guardo, evidentemente (religiosamente), as que me escreveu. Mas graças a Luís Amaro é-me hoje possível publicar uma carta que ele endereçou a Armindo Rodrigues, assim como duas dedicatórias (ele escrevia às vezes dedicatórias-cartas) e uma quadra.

A carta de Drummond é motivada pela oferta de três livros, *Beleza Prometida*, *Retrato de Mulher* (ambos publicados em 1950) e *Dez Odes ao Tejo* (1951). Mas aproveita-a também para falar dos livros que, movido decerto por uma admiração que era já então comum a outros poetas portugueses, Armindo Rodrigues lhe enviara antes: *Romanceiro* (1943), seu livro de estreia, *Voz Arremessada ao Caminho* (1943),

Em Cada Instante Cabe o Mundo (1945), *Esperança Desesperada* (1948), *Cantigas de Circunstância* (1948), *As Sete Luas do Poeta Gomes Leal* (1948). Drummond tem o cuidado de os citar a todos, fala de alguns deles com rapidez mas também com finura, apoia-se, como era seu hábito, em breves citações, e emite claros juízos de grande generosidade, que estende à "poesia portuguesa de hoje".

Armindo Rodrigues (1904-1993), médico lisboeta que se empenhou no combate ao salazarismo, foi um poeta prolífico. A sua *Obra Poética*, editada de 1970 a 1986, consta de 16 volumes que recolhem 59 colectâneas; e na "nota preambular" de *Quadrante Solar* (1984) dizia que, "abandonada a profissão médica", redobrou a "actividade criadora" e que era "rápido no trabalho", embora pudesse "perder horas para endireitar um verso". Mas acrescentava que era um "poeta feliz", justificando-se: "porque me não tolhem preconceitos, nem obrigações de escola, que nenhuma tenho, nem limitações de vocabulário ou de processos, nem ânsias febris de vanguardismos com frequência velhos e relhos, nem absurdas superstições de tabos, nem repugnantes pavores da morte, nem aspirações ridículas de eternidade".

A posteridade não lhe tem sido favorável, como aliás o não tem sido para alguns dos seus amigos neo-realistas. Mas a sua poesia por vezes demasiado fácil, por vezes superficialmente eclética, surpreende outras vezes pela sua contida veemência, ou pela desenvoltura enunciativa que parece conjugar-se com as ideias insistentes da liberdade de viver e de amar.

As dedicatórias, e a quadra que aqui publicamos foram também escritas para agradecer livros: certamente o I volume da *Obra Poética* e *A Vida Perto de Nós*. A primeira dedicatória figura não no *Claro Enigma* - que não sabemos se foi recebido por Armindo Rodrigues - mas na plaquette com a tradução de *Dos Poemas* que Manuel Graña Etcheverry fez e publicou em Buenos Aires, em 1953; a segunda dedicatória foi escrita em papel só com o nome impresso (ao cimo e à esquerda) "Carlos Drummond de Andrade" e é antecedida por uma quadra de inspiração natalícia que se inscreve numa literatura convivial surpreendentemente muito ao gosto do autor de *Viola de Bolso*, que o deve ter adquirido por influência do seu amigo Manuel Bandeira.

Resta acrescentar que todos os originais são manuscritos.

Rio de Janeiro, 24 agosto 1951

Meu caro poeta Armindo Rodrigues:

A remessa de seus últimos livros de poemas, com que me distinguiu há meses - e perdoe-me a grande, porém não voluntária demora desta carta - foi para mim um grato acontecimento. Já em 1948, ao receber os primeiros volumes de sua autoria, eu fixara a atenção ao poeta de incisiva e generosa expressão, que se manifestava no "Romanceiro", na "Voz arremessada ao Caminho", na "Esperança Desesperada" e no "Em cada Instante cabe o Mundo". Vejo, agora, diante dessas novas coleções de poemas, como vai dominando cada vez mais a matéria de seu canto, dando-nos uma interpretação emotiva do mundo, que é uma criação pessoal e farta de sugestões. As "Cantigas de Circunstância" só o são no nome; a poesia conceitual que elas contêm guarda elementos de transcendência que não poderíamos esquecer. "Até o que não existe / existe de se pensar": não se poderia dizer melhor, e com tal economia de palavras. "As Sete Luas do Poeta Gomes Leal" fizeram-me amar ainda mais o alto objeto a que se dedicam. Também de "Beleza Prometida" e de "Retrato de Mulher" (do primeiro, especialmente), tirei argumentos para confirmar o juízo que faço do autor. Um soneto como "Onde o homem desperta, ergue-se a terra" basta, a meu ver, para caracterizar o que há de permanente na sua poesia, e o grau de profundidade a que atingiu. Também nas "Dez Odes ao Tejo", a aplicação de seus recursos líricos a um tema nacional conduz a excelentes resultados.

Muito obrigado, meu caro poeta, por toda a emoção artística e humana que os seus versos me suscitaram, e que fazem crescer em mim a admiração pela poesia portuguesa de hoje.

Para o fim do ano, espero fazer-lhe o magro presente de meu novo livro, "Claro Enigma", atualmente no prelo. É muito pouco, em retribuição a tanto que me veio de seu espírito.

O afetuoso abraço, de amizade e admiração sinceras, de

Carlos Drummond de Andrade

Rua Joaquim Nabuco, 81
Copacabana

* * *

*Ao meu caro amigo Armindo
Rodrigues,
com gratidão pelo bem que me
faz sua poesia;
com admiração pelo contista de
"A vida perto de nós",*

Carlos Drummond de Andrade

Rio, 13.II.54

* * *

*NA VOLTA DA ESPERANÇA,
UM PRINCÍPIO DE VIDA:
SER OUTRA VEZ CRIANÇA
POR TODA, TODA A VIDA.*



*Ao caro e grande poeta Armindo
Rodrigues, os melhores votos de Natal
e Ano Nôvo, com o agradecimento co-
movido pela oferta de sua magnífica
Obra Poética, em que lirismo,
consciência humana e mestria artís-
tica harmoniosamente se entrelaçam.
Tôda a admiração afetuosa de
Carlos Drummond de Andrade*

Rio de Janeiro, 19 dezembro 1971.

(NB- O X inicial - destacado - e um sinal final, separador, escreveu-os Drummond com tinta verde)

